



FAÍSCA
DE
AURORA

Nas furnas mais hostis da mais hedionda terra,
Rugem forças da sombra em ódio abrasador;

3 São seres a renhir na encarniçada guerra
Do remorso e do crime, em tremendo furor...

Acende a prece, em luz, que a bondade descerra,

6 Por faísca de aurora, inflamada em favor
Do Espírito infeliz que às tenebras se aferra
A sufocar no peito as expansões de amor.

(*) Desde cedo se dedicou à leitura de poetas brasileiros e portugueses, e aos 12 anos estreou nas letras com uma sátira. Depois de formar-se, em 1863, pela Faculdade de Direito de S. Paulo, o poeta de «A Vida» tornou-se redator do *Correio Paulistano*, promotor público em Santos. Fundou, em 1869, a *Gazeta de Campinas*, órgão abolicionista e republicano. Membro correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa e sócio de quase todas as instituições culturais de S. Paulo. Foi

Quando a morte apunhala o coração da vida,
A alma que errou, no mundo, exora compaixão,
E um sudário de dor crepeia-lhe a partida...

Eleva o pensamento em santa vibração
E socorre a loucura e a mágoa desabrida
De quem não quer mais crer na bênção da oração!...



ainda teatrólogo, crítico e romancista. Leopoldo Amaral apontou-o como «grande poeta, elegante jornalista, habilíssimo advogado», um verdadeiro «meteoro vivo», segundo a expressão de Francisco Glicério (apud L. Correia Melo, *Dic. Aut. Paulistas*, pág. 558). Era deputado provincial quando desencarnou. (Campinas, Est. de S. Paulo, 14 de Julho de 1841 — S. Paulo, Est. de S. Paulo, 6 de Maio de 1886.)

BIBLIOGRAFIA: *Estrelas Errantes*; *A Nova Louzã*, romance; etc.

3. Aliteração em rr.

6. Aliteração em f.